

Da vergonha à raiva: emoções e processos psicológicos por detrás do comportamento do agressor juvenil

Daniel Rijo^[1], Cláudia Oliveira^[2] & Nélio Brazão^[3]

SUMÁRIO: I. Introdução. II. O impacto de experiências precoces de vergonha na saúde mental. III. O Modelo Biopsicossocial da Vergonha. IV. Coping com a vergonha e comportamento agressivo. V. Implicações para a intervenção no âmbito da Justiça Juvenil. VI. Referências.

^[1] Doutorado em Psicologia Clínica. Professor Auxiliar da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Investigador do CINEICC – Centro de Investigação do Núcleo de Estudos e Intervenção Cognitivo-Comportamental.

^[2] Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

^[3] Doutorando em Psicologia Forense (Bolsa de Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia: SFRH/BD/89283/2012) – na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Investigador do CINEICC – Centro de Investigação do Núcleo de Estudos e Intervenção Cognitivo-Comportamental.

I. INTRODUÇÃO

O impacto nocivo do comportamento agressivo em vários domínios do funcionamento individual (social, ocupacional, profissional, familiar) é bem conhecido, o que remete para a necessidade de desenvolvimento de mecanismos de intervenção precoce, tais como programas de prevenção, estruturados e baseados na evidência. No entanto, nas últimas décadas, os paradigmas dominantes na explicação do comportamento humano, nomeadamente o comportamento desviante, têm sofrido desenvolvimentos consideráveis, gerando um volume considerável de investigação que aproxima as intervenções da ciência básica da mente. Novos conceitos e teorias têm também gerado novas formas de intervir, baseadas no

conhecimento atual sobre a mente humana, evolucionariamente determinada, conduzindo a grande inovação na área das intervenções psicológicas. Neste trabalho, são revistos os contributos mais atuais para a compreensão do comportamento agressivo nos jovens e discutidas as implicações para a intervenção na justiça juvenil.

II. O IMPACTO DE EXPERIÊNCIAS PRECOSES DE VERGONHA NA SAÚDE MENTAL

Nos últimos anos, a investigação tem explorado o impacto de experiências precoces ameaçadoras na vulnerabilidade para a vergonha e numa diversidade de problemas de saúde mental (e.g., Bennett, Sullivan, & Lewis, 2005; Kim, Talbolt, & Cicchetti, 2009; Stuewig & McCloskey, 2005; Tangney & Dearing, 2002). Vários estudos têm demonstrado a transversalidade das características patogénicas da vergonha em diferentes perturbações psicopatológicas e o seu impacto nas interações sociais (Irons & Gilbert, 2005; Matos, Pinto-Gouveia, & Gilbert, 2012; Thompson & Berenbaum, 2006), particularmente durante a adolescência (Reimer, 1996; Thomaes, Stegge, Olthof, Bushman, & Nezlek, 2011). No domínio do comportamento agressivo e antissocial, a influência da vergonha tem sido sistematicamente reconhecida (e.g., Harper & Arias, 2004; Kim et al., 2009; Kivisto, Kivisto, Moore, & Rhatigan, 2011; Robinaugh & McNally, 2010; Thomaes et al., 2011), embora o seu papel preditivo não se encontre completamente clarificado (Elison et al., 2014; Kim et al., 2009; Paulo, da Motta, Ribeiro da Silva, & Rijo, 2015; Stuewig et al., 2010).

O comportamento agressivo tem vindo a ser conceptualizado por vários autores, no que se refere à sua etiologia, formas, dimensões e funções (Karli, 2006). Numa abordagem dimensional, Buss & Perry (1992) propuseram uma estrutura de quatro fatores/dimensões para o comportamento agressivo, a qual tem

sido amplamente estudada e testada empiricamente. As dimensões da Agressão Física e da Agressão Verbal englobam a componente instrumental do comportamento agressivo; ao passo que a raiva representa a componente afetiva, envolvendo um estado de ativação fisiológica ou preparação para ação, e a hostilidade corresponde à componente cognitiva, sendo caracterizada pela atribuição de intenções malévolas aos outros, podendo sobrepor-se a um estado ligeiro de paranoia (Buss & Perry, 1992).

Apesar das múltiplas variáveis que estão na base do comportamento agressivo, a literatura tem-se debruçado particularmente sobre alguns fatores ecológicos, tais como experiências precoces de abuso, negligência, privação emocional e falta de cuidados, como potenciais fatores de risco para o desenvolvimento de um padrão de comportamento antissocial (Hoglund & Nicholas, 1995; Ogilvie, Newman, Tood, & Peck, 2014; Savage, 2014). Segundo Fonagy (2003), a agressão constitui uma predisposição inata, integrando o processo normal de desenvolvimento e sendo a sua regulação fortemente influenciada pelos contextos de interação precoce que podem funcionar como fatores de proteção ou de risco em relação ao desenvolvimento de condutas problemáticas. Vários estudos longitudinais têm mostrado que as experiências precoces negativas estão associadas a problemas de comportamento, à delinquência e à agressão (Savage, 2014) em crianças com comportamentos disruptivos (Ogilvie et al., 2014), adolescentes com comportamento violento e delinquento (Kelley, Thornberry, & Smith, 1997) e adultos violentos (McCord, 1991).

Estas interações precoces adversas, quando recordadas como experiências de vergonha centrais e ameaçadoras, podem ser codificadas na memória autobiográfica como traumáticas (apresentando características de intrusão, evitamento e sintomas associados à hiperativação), moldando a forma como o indivíduo se percebe na mente dos outros (pouco atraente, inferior, desadequado,